

M 464
D N 21.5.66
RN 313

Rubem Braga

FOI NA LAMA DA CACHORRA

COM seis paus se faz uma jangada, e ela é bíblica em sua simplicidade; entre êsses paus e sôbre êles a água entra e passa. Nenhuma embarcação tem tanta intimidade com o mar — estamos em pé na água, andamos no mar, descalços.

Da primeira vez que estive no Ceará andei de jangada em uma tarde de sudeste forte, mas eu era rapaz e tinha virado muita cachaça; me lembro como fiquei pendido a um cabo, os pés em um pau da borda, todo esticado sôbre a água, para agüentar uma manobra. Eu era rapaz. Agora é com certo mêdo que saio em uma grande jangada de alto mar para um passeio pequeno pela enseada, o mar liso, apenas um bafo maneiro de vento. E ainda me sento, por prudência, a mão agarrando um pé do banco de vela. Já não sou rapaz.

Mas no dia seguinte vamos pescar, e ao fim de seis ou sete horas já me vou acostumando e afeiçoando à embarcação, presto pequenos serviços, o jangadeiro já me pede com alguma confiança para encaixar a bolina, ajudo-o a erguer o mastro ou a tranca, e conversamos de peixes. Vamos para um pesqueiro muito conhecido, onde nesta época do ano há sempre oito, dez jangadas apoitadas, e tem um nome até bonito de tão feio — a “Lama da Cachorra” — poucas milhas em frente à barra do Jaboatão, para o sul se vê o cabo de Santo Agostinho, para o norte, além do Recife, elevações de Olinda. Saímos da Venda Grande, depois da Piedade; e era tão fraquinho o terral que viemos mais nos remos — isto é, eu e o amigo Finório viemos nos remos dos dois jangadeiros, que é duro demais mover com remos tão magros essa traquitana pesada. Amanhecia.

Conversa-se. Espanto-me do pouco tempo de duração de uma jangada, um

ano ou menos, tanto menos quanto mais tempo ela fica na praia exposta à chuva, pois o jangadeiro acha que a água doce é que lhe faz mal. Relembro os nomes dos paus e aviamentos que aprendi no Ceará, aprendo que hoje por menos de vinte contos não se tem uma jangada de vela decente.

Apoitamos; e descemos nossas linhas até sentir bater na lama; o que puxamos é bagre e um peixe dourado como roncador que aqui êles chamam de coró. Mas há sardinhas brilhando a meia água, além de um ou outro peixinho agulha, zanzando. Para que peguem em nossos anzóis miúdos e sem chumbo é preciso que a isca de peixe cru seja partida na bôca, e parte cuspida para chamariz; ainda bem que me dispensam dêsse ritual. Agora podemos iscar nossos anzóis com isca viva e varejamos longe as linhas. Três cavalas — a maior de cinco quilos — e uma pequena bicuda são a recompensa, mas uma hora em que não havia isca viva recomeço a pescar de fundo e puxo um peixe de uns três quilos que nunca vi antes; me dizem que é um bejupirá, também chamado cação de escama ou rei dos peixes, isto devido ao raro sabor da carne, tão famosa que, me diz o Treco, no tempo do avô dêle, pescador que matava um dêsses içava uma pequena bandeira no mastro e de volta à praia era festejado e até tinha de pagar cachaça para os outros, pela sua sorte.

Na volta há vento farto, dois jangadeiros apostam corrida alegremente. Vão crescendo os coqueiros da praia; viro a cuiá da vela cheia d'água na cabeça para me refrescar, e me deito cansado sôbre os paus do meio, banhado das espumas que cortamos; me deito a bem dizer no mar, e me embalo nesse doce mar pernambucano, com um pouco de fome e um pouco de sono, feliz.

esta bastante cara fazer

aqui no Recife

duas jangada

sobre as águas

464-11.3.61